



COMUNICAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA: INDÚSTRIA CULTURAL E
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS
CONTEMPORÂNEOS¹

GT11: Comunicação e Estudos Sócio-culturais

Leila Salim Leal²

Objetivos/tema central a abordar

Interessa-nos, aqui, pensar mais profundamente o papel e o sentido da comunicação para a constituição dos movimentos sociais que marcaram os últimos anos, no contexto de crise da economia capitalista mundial. Levaremos em consideração não apenas a utilização das redes sociais como instrumento mobilizador, mas também buscaremos compreender que questões, referentes à natureza e inserção desses movimentos no capitalismo contemporâneo, podem ser reveladas a partir da identificação da importância assumida pela comunicação e pela cultura em sua constituição. Complementarmente, nos interessa discutir o tratamento e a representação feita por veículos de comunicação da mídia hegemônica em relação aos movimentos sociais que ganharam destaque em 2011, buscando identificar de que forma agendam uma compreensão sobre esse fenômeno social e qual o conteúdo desse agendamento.

¹ Trabalho apresentado ao XII Congresso da Alaic, GT 11– Comunicación y Estudios Socioculturales

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/ECO/UFRJ) Brasil; leilasalimleal@yahoo.com.br

Caracterização do estudo, experiência ou reflexão teórica proposta

O trabalho propõe uma reflexão teórica acerca do papel da comunicação e da cultura para a constituição dos movimentos sociais contemporâneos. O papel mobilizador e aglutinador das novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir das redes sociais na internet, e a constituição de redes de comunicação alternativas, próprias dos movimentos, vêm sendo apontados, por diversos analistas e em vários sentidos, como marcas constitutivas fundamentais desse processo de mobilização global. Buscaremos, a partir da crítica de cultura contemporânea, investigar os motivos e o sentido da comunicação na luta política contemporânea. Além disso, buscaremos discutir o papel da mídia hegemônica no tratamento dessas mobilizações. Essa análise se faz fundamental porque a representação dos movimentos pela mídia expressa e, ao mesmo tempo, agenda determinadas formas de percepção e significação desses movimentos em todo o mundo.

Enfoque e/ou metodologia de abordagem

Nossa abordagem propõe um enfoque totalizante, que busque estabelecer vínculos entre a produção simbólica contemporânea, as transformações e características do atual estágio de reprodutibilidade do capitalismo e os impactos dessas relações para a luta política na atualidade. Assim, nosso enfoque busca problematizar as análises de cunho fragmentário que têm apontado o papel desempenhado pela comunicação e pela cultura nos 'novos movimentos sociais' como, necessariamente, a confirmação da superação definitiva das lutas de cunho econômico e estrutural. Buscamos, metodologicamente, identificar que formas de associação entre essas esferas podem ser expressas por esses processos políticos. Utilizaremos, em nossa análise, a crítica social contemporânea que se deteve sobre as relações entre cultura e as transformações do capitalismo,

buscando associar uma leitura da atual crise econômica à identificação histórica do surgimento dos movimentos sociais e às reflexões críticas acerca do papel da comunicação e da cultura em seu interior.

Resumo

O trabalho busca uma reflexão crítica acerca do papel da comunicação e da cultura para a constituição dos chamados “novos movimentos sociais” que marcaram o ano de 2011. Processos como a Primavera Árabe e o Movimento Occupy, que emergiram do cerne da crise da economia capitalista mundial, têm em suas marcas constitutivas o destacado papel desempenhado pela produção cultural e comunicativa, que buscou contrapor-se ao tratamento hegemônico da grande mídia a seu respeito. Partindo dessa constatação, pretendemos elaborar uma breve reflexão teórica que relacione as especificidades do capitalismo contemporâneo e sua crise com o surgimento desses movimentos e o fato de caracterizarem-se pela forte preocupação com a comunicação e a cultura. Desse modo, buscamos contribuir com a reflexão acerca do papel da cultura na luta política contemporânea a partir de uma perspectiva que leve em conta as suas mediações com as estruturas sociais e econômicas vigentes. Buscamos, assim, entender quais desafios se colocam a partir da relação entre estrutura e campo simbólico na luta política contemporânea e quais contribuições a comunicação alternativa tem a dar para os movimentos sociais na atualidade.

Texto completo

O ano de 2011 foi marcado pela emergência de mobilizações sociais de grande porte, que colocaram na ordem do dia o debate sobre as formas de organização coletiva e transformação social na contemporaneidade. O enfrentamento e derrubada de ditaduras na região norte da África, as mobilizações contra a

retirada de direitos sociais na Europa e o questionamento à ordem econômica, política e social imposta por grandes bancos e empresas transnacionais nos Estados Unidos foram expoentes de um processo que assumiu ares de movimentação global, epidêmica, mesmo diante das importantes diferenças entre as situações específicas e reivindicações imediatas sobre as quais se desenvolvia nas diferentes regiões.

A mobilização na Praça Tahrir, no Egito, serviu de exemplo para os movimentos da Espanha, Grécia, Portugal e Estados Unidos, transformando a ocupação de praças em um método comum e, até mesmo, constitutivo de uma identidade compartilhada pelos movimentos ao redor do mundo. Foram ocupadas a Praça Puerta Del Sol, em Madrid, a Praça Syntagma, em Atenas, e o Zuccotti Park, no coração financeiro de Nova Iorque. A chamada Primavera Árabe, dessa e de outras formas, se associou ao Movimento dos Indignados espanhóis, à Geração à Rasca de Portugal e ao Movimento Occupy, que se apresentou com esta denominação inicialmente no movimento de Wall Street mas rapidamente se espalhou para outras regiões dos EUA e do mundo (inclusive, de maneira menos massiva, para capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro).

Neste contexto, o papel mobilizador e aglutinador das novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir das redes sociais na internet, e a constituição de redes de comunicação alternativas, próprias dos movimentos, também vêm sendo apontados como marcas constitutivas fundamentais desse processo de mobilização global. É fundamental, ainda, destacarmos que esses movimentos emergem em um contexto social profundamente marcado pelo ceticismo em relação aos “grandes projetos coletivos”, aos chamados “grandes discursos” (e noções daí derivadas, como verdade, realidade, história, sujeito, classe, ideologia e outros) e à possibilidade de transformações estruturais na sociedade. Em variadas áreas de conhecimento, os debates sobre a instauração da pós-

modernidade como uma era marcada pela constituição de identidades atomizadas e fragmentárias indicam a dissolução da noção de sujeito histórico e político como agente de transformação estrutural e totalizante da realidade. Essa mesma perspectiva, identificada com o referencial pós-moderno, aponta o campo da comunicação – o discurso, a linguagem – como o espaço de produção, afirmação e vivenciamento das novas identidades que suplantam a noção de sujeito correspondente aos paradigmas modernos.

A consolidação de processos como a Primavera Árabe, Movimento dos Indignados e Movimento Occupy em um contexto consideravelmente marcado por essas concepções não é um dado menor. Acreditamos que a emergência desses novos movimentos se configura como um importante objeto empírico para problematização e reflexão acerca dessas concepções e suas relações com as transformações vividas pelo capitalismo contemporâneo e, especificamente, pelo campo da comunicação.

Por isso, analisaremos o papel da comunicação e da cultura na constituição e representação dos novos movimentos sociais a partir desse contexto e sua problematização. Algumas análises têm apontado, de maneira geral, que os chamados ‘novos movimentos sociais’ surgidos em 2011 são uma expressão da pós-modernidade e suas identidades eventuais, fragmentárias e mediadas pela cultura e pelo discurso. Interessa-nos, aqui, refletir mais profundamente sobre esse tema, levando em consideração a hipótese de que tais movimentos possam indicar sinais de volta à cena dos grandes processos de transformação social protagonizados por sujeitos coletivos, que encontram na comunicação e na cultura formas de reconstituição de algo tido como ultrapassado.

São esses os temas que procuraremos abordar, a partir de uma análise que relacione as especificidades do capitalismo contemporâneo e seus impactos na

esfera da comunicação e produção de bens culturais, refletindo sobre esse referencial e problematizando-o à luz da análise dos movimentos sociais que despontaram nos últimos anos e suas relações com a comunicação e a cultura contemporâneas.

Se, como aponta Fredric Jameson, o pós-modernismo pode ser identificado como “a lógica cultural do capitalismo tardio”, entendemos que seus pressupostos e marcas fundamentais se expressarão (como dissemos, de diferentes formas) nas produções estéticas, jornalísticas, culturais e intelectuais hegemônicas. Nesse sentido, contribuem também as análises de Perry Anderson, Ellen Wood, Terry Eagleton, David Harvey e outros, que nos auxiliam a buscar os vínculos entre a atual etapa de desenvolvimento do capitalismo e o surgimento, a consolidação e conteúdo do referencial pós-moderno.

É importante, também, entendermos de que forma o capitalismo contemporâneo impacta a produção de bens culturais e midiáticos pela indústria cultural. No período neoliberal, com transferência de recursos cada vez maiores ao setor de serviços e com o *boom* industrial na produção das plataformas de novas tecnologias de comunicação, observamos um desenvolvimento sem precedentes da indústria cultural. O aumento do poderio econômico e ideológico dos grandes conglomerados de comunicação, suas conexões com o capital fictício, as possibilidades geradas pelas novas tecnologias de comunicação, seus potenciais e limites, assim como os novos padrões de interação entre os indivíduos por elas possibilitados, são elementos indispensáveis à compreensão tanto do discurso da mídia hegemônica acerca dos novos movimentos sociais (em suas relações de complementaridade com o referencial pós-moderno) como, também, do papel desempenhado pela comunicação e pela cultura na constituição dos movimentos e da própria formação da consciência dos indivíduos contemporâneos, inseridos num capitalismo crescentemente marcado por relações sociais “midiatizadas”.

Assim, buscaremos estabelecer uma relação entre a etapa neoliberal de desenvolvimento do capitalismo, a consolidação do referencial pós-moderno e os reflexos específicos desse fenômeno para a produção artística e de mercadorias culturais pela indústria cultural.

Crise econômica e movimentos sociais contemporâneos

Em um primeiro momento, se faz necessária uma análise que se detenha ao surgimento e constituição dos movimentos sociais que marcaram o ano de 2011, com ênfase no contexto em que estão inseridos. Para isso, nos parece essencial que a análise desses movimentos não seja feita de maneira dissociada da análise da crise econômica mundial que se desenvolve desde 2008, apontada por analistas como Slavoj Žižek, João Alexandre Pechanski e Giovanni Alves e muitos outros como chave para a compreensão dos processos de mobilização contemporâneos. Buscamos, assim, identificar o cenário mundial em que surgem os movimentos sociais de 2011 e de que maneira o desenvolvimento da crise se associa às características assumidas por esses movimentos.

Identificamos, também, os pontos de contato, em relação à conjuntura política e econômica, à identidade política, às formas de consciência, métodos de mobilização e outros que podem justificar que os movimentos e mobilizações em questão sejam analisados como parte de um mesmo processo. A análise busca, também, destacar as diferenças entre esses movimentos, relacionadas às especificidades de cada formação social em que se desenvolvem e à natureza das reivindicações. É importante frisar que, quando tratamos da “identidade política dos movimentos” e “formas de consciência”, entre outros temas, levaremos em consideração as diferenças internas a cada um desses movimentos nesses aspectos, que serão compreendidas justamente como aspecto que os constitui e, assim, uma característica por si só merecedora de atenção e análise.

Quase um século depois da crise de 1929 que uma crise econômica mundial de grandes proporções - tendo os Estados Unidos em seu epicentro - coloca em xeque o sistema capitalista. Os efeitos da crise iniciada nos EUA alastraram-se imediatamente pelo mundo globalizado, ainda em 2008 e, depois, com mais intensidade em 2009. O colapso financeiro dos EUA afetou o sistema financeiro mundial e o “efeito dominó” provocou a recessão das grandes economias europeias. Nos países de economias ditas emergentes, declínio das exportações de *commodities* primárias colocando em xeque a estratégia de crescimento via exportações, somados ao aumento no preço dos alimentos e no custo de vida de maneira geral.

A resposta imediata veio célere para remediar a etapa mais aguda: injeção de bilhões e bilhões de dólares pelos Estados nas economias em crise, diferentes pacotes econômicos de ajuda aos bancos com balanços comprometidos, logo expandidos para ajuda aos bancos mais saudáveis, às empresas de crédito ao consumidor e às montadoras do país.

O repasse dos Estados para o setor privado para conter a crise aumentou significativamente o déficit orçamentário, gerando um segundo ciclo de aprofundamento da crise, a partir de 2011, desta vez na Europa. Além dos países do leste europeu, endividados com o Fundo Monetário Internacional (FMI), os chamados “PIGS” (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) aprofundaram suas situações de endividamento e viram-se, mais uma vez, diante de uma “crise de confiança” no mercado financeiro. Temendo um calote dos chamados PIGS, os investidores estrangeiros fugiram da Europa e tornaram a se refugiar no dólar e em títulos do tesouro norte-americano.

Em 2009, o déficit fiscal alcançou quase 10% do PIB nos Estados Unidos. Na Espanha, mais de 11%; no Reino Unido, mais de 14%; e na França, quase 8% do PIB. Nos cinco países atingidos por crises financeiras sistêmicas (Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Irlanda e Islândia), a dívida pública aumentou em média 75% em termos reais de 2007 a 2009, enquanto a dívida externa bruta (dívida pública e privada colocada no exterior) dos países desenvolvidos alcançou em média 200% do PIB de cada um desses países. Alguns dados gerais sobre as condições de vida sob o capitalismo contemporâneo ajudam a ilustrar um pouco mais a situação: o mundo atingiu, em 2010, a cifra de mais de 1 bilhão de desnutridos - com um aumento de 100 milhões somente em 2009.

É, pois, precisamente sob o cenário da atual crise econômica, apontada como a maior desde 1929, que emergem os movimentos sociais que marcaram o ano de 2011. Como dissemos, nos parece fundamental associar o surgimento desses movimentos ao contexto colocado pela crise do capitalismo. Especialmente diante de análises que, como destacamos, adotando integral ou parcialmente os referenciais pós-modernos, compreendem o papel da comunicação e da cultura nesses movimentos como índices da constituição de identidades fluidas, discursivas e cada vez menos relacionadas às estruturas objetivas do capitalismo contemporâneo, e identificam nesses movimentos justamente o descolamento das determinações materiais e econômicas, buscando situá-los unicamente como movimentos circunscritos aos campos da subjetividade, do discurso e da cultura, é indispensável que nos questionemos sobre os motivos de tais movimentos eclodirem neste momento específico, com tanta força e caráter “epidêmico”, como identificamos anteriormente.

É a partir daí que problematizamos a questão da comunicação e da cultura nesses movimentos. Uma análise mais profunda do papel desempenhado pela comunicação na produção e representação dos novos movimentos sociais que

emergiram no ano de 2011 precisa ir além, por exemplo, da mera afirmação de que a Primavera Árabe e seu desenrolar no Egito, com a ocupação da Praça Tahrir, foi “fruto da mobilização de jovens pelo Facebook”, e que o uso das redes sociais configura o principal diferencial e ponto de contato entre os movimentos sociais de contestação que eclodiram em 2011, como têm apontado recorrentemente análises nos meios de comunicação de massa e na academia.

Não se trata de desconsiderar a importância da comunicação e da cultura nesses movimentos, mas de superar a mera constatação acrítica de seu papel sem levar em consideração o que os próprios temas da comunicação e da cultura revelam sobre a relação desses movimentos com o capitalismo contemporâneo. Pretendemos problematizar as análises que, como apontamos anteriormente, partem da identificação do lugar da comunicação e da cultura para concluir que as lutas de cunho econômico e estrutural, assim como o sujeito político e histórico capaz de operá-las, estão definitivamente descartadas.

Nossa abordagem sobre o papel da comunicação e da cultura na constituição dos movimentos sociais contemporâneos nos remete a um questionamento sobre o tipo de vínculo e identidade produzido pelos indivíduos que protagonizaram as mobilizações, sobre as condições materiais para a utilização das novas tecnologias de comunicação e sobre o sentido da prática política que se desenvolve, se em direção a uma compreensão da comunicação e da cultura como esferas autonomizadas e espaços constitutivos das identidades multifacetadas ou em direção a uma compreensão da comunicação que recoloca o lugar de um sujeito histórico e político associado aos novos movimentos sociais. Associadas a essa última perspectiva estão as formulações de Žižek, que critica o tratamento das mobilizações da Primavera Árabe e do Movimento Occupy como “evento” e busca apreender, de suas especificidades e da negação do consenso capitalista, respostas que caminhem no sentido de um projeto coletivo e

totalizante que corresponda aos temas da contemporaneidade. O trecho abaixo foi retirado de seu discurso, intitulado *A tinta vermelha*, aos manifestantes do Occupy Wall Street, na Liberty Plaza, Nova Iorque, em 2011:

“Não se apaixonem por si mesmos, nem pelo momento agradável que estamos tendo aqui. Carnavais custam muito pouco – o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada. Apaixone-se pelo trabalho duro e paciente – somos o início, não o fim. Nossa mensagem básica é: o tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação de pensar em alternativas. Há um longo caminho pela frente, e em pouco tempo teremos de enfrentar questões realmente difíceis – questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que QUEREMOS. Qual organização social pode substituir o capitalismo vigente? De quais tipos de líderes nós precisamos? As alternativas do século XX obviamente não servem.”. (ZIZEK, 2011).

Essa crítica à ‘política eventiva’ nos parece central no esforço de identificação da necessidade de constituição de uma alternativa não pontual ou discursiva, mas sistêmica, ao capitalismo. É importante também destacar que Zizek, ao apontar essa necessidade, não acredita que ela se expresse como algo dado ou resolvido nos movimentos contemporâneos, que, por suas especificidades, carregam aquilo que ele identifica como um “violento silêncio de um novo começo”. Este, para Zizek, seria um ponto comum aos movimentos, em relação à elaboração de proposições e mesmo de um programa positivo. De nosso ponto de vista, ele é essencial para, a partir da identificação do contexto de crise do capital,

avancarmos em nossa investigação acerca do caráter espontâneo e a(s) identidade(s) política(s) surgida(s) nos novos movimentos sociais. Em seu artigo também publicado na coletânea *Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas*, o filósofo esloveno destaca a ruptura provocada por esses movimentos, tendo como pano de fundo a crise econômica e a ruptura com o senso comum de ‘intocabilidade’ do capitalismo como único horizonte possível.

Ele destaca, assim, que, no momento de eclosão dos movimentos que expressam essa ruptura política e ideológica, despertando para a luta política gerações que nunca vivenciaram a política ou trazendo novamente à ação gerações já desacreditadas dos processos coletivos, em que as alternativas já prontas parecem não responder ao conjunto dos anseios e questões colocadas pela dinâmica da realidade objetiva, o “silêncio” cumpre importante papel. Sempre reafirmando que um programa é necessário, que a reflexão sobre “o dia seguinte” e o caráter “não-eventivo” das mobilizações são fundamentais, Zizek aponta algo como uma necessária paciência e tempo de maturação para evitar que seus impulsos sejam captados pela ideologia dominante. Em suas palavras:

“Nesta etapa, devemos resistir precisamente a uma tradução assim apressada da energia das manifestações para um conjunto de demandas pragmáticas ‘concretas’. Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo. (...) qualquer debate aqui e agora permanece como um debate no território do inimigo: é preciso tempo para posicionar o novo conteúdo”.
(ZIZEK, 2012, p. 19)

Zizek ainda faz uma observação importante, ao polemizar com a análise da jornalista estadunidense Anne Applebaum publicada no *Washington Post* de 17 de outubro de 2011 (com o título '*What the Occupy Protests Tell Us about the Limits of Democracy?*') sobre o que poderia ser identificado como um elo constitutivo de identidade entre as mobilizações daquele ano. Em um dado momento de sua análise, Applebaum afirma: "Diferentemente dos egípcios da Praça Tahrir, com quem os manifestantes de Londres e Nova York se comparam de maneira aberta (e ridícula)...".

O filósofo destaca que essa análise reduz os protestos da Praça Tahrir a reivindicações pela democracia de estilo ocidental, apontando que, se esse pressuposto fosse verdadeiro, de fato seria ridículo aproximar o Movimento Occupy à Primavera Árabe. Afinal, os manifestantes ocidentais estariam reivindicando o que já têm: instituições democráticas. É a partir daí que o autor chama atenção para o fato de que há, sim, uma identidade comum que permite aproximações entre esses movimentos e que não se trata da reivindicação por instituições democráticas nos moldes ocidentais: segundo ele, o que os une é precisamente "o descontentamento geral com o sistema global capitalista, que, é claro, adquire diferentes formas aqui e ali" –, o que retoma, de certa forma, as avaliações que apresentamos a esse respeito no item anterior deste capítulo. O fato de inexistir um programa claramente anticapitalista elaborado não significa que esses movimentos não expressem uma luta que é, fundamentalmente, um grito de "basta" às dinâmicas impostas pela sociabilidade capitalista.

O lugar da comunicação e da cultura nos movimentos sociais contemporâneos: mediações necessárias

A retomada da perspectiva que relaciona os potenciais de negação global do capitalismo expressos nos movimentos contemporâneos com os limites, do ponto de vista da consciência e da prática política, desta mesma negação, é importante porque nos permite identificar estas mesmas contradições dialéticas no processo revelado pelo fato de tais movimentos carregarem, como marca constitutiva, a ênfase nas mediações comunicativas e culturais. Ou seja, o fato de tais movimentos terem manifestado esse ‘violento silêncio de um novo começo’, sem programas ou alternativas sistêmicas elaboradas, não significa que o esforço de buscar nas mediações culturais e simbólicas índices constitutivos dessa alternativa totalizante (ainda inexistente, obviamente) seja desnecessário, ultrapassado ou anacrônico.

Por isso, buscaremos desenvolver aqui uma análise que identifique o lugar desempenhado pela dimensão simbólica nos novos movimentos em suas relações com o papel da comunicação e cultura no capitalismo contemporâneo. Identificaremos, assim, a atuação da mídia comercial como importante força política de produção e reprodução da ideologia dominante e destacaremos seu impacto objetivo tanto na disputa de consciência que se instala na sociedade diante da eclosão dos novos movimentos sociais como na própria configuração desses movimentos.

Como apontamos na introdução, Žižek, ao identificar o tratamento da mídia aos processos de 2011, lembra a expressão persa *war nam nihadan*, que significa “matar uma pessoa, enterrar o corpo e plantar flores sobre a cova para escondê-la”. Segundo ele, a ideologia hegemônica se ocupou inicialmente em neutralizar a dimensão emancipatória contida na eclosão dos movimentos e,

depois, em tratá-los em sua superficialidade de maneira supostamente ‘positiva’, não escancarando, assim, um tratamento que ajuda a atacar, no plano da consciência, o conteúdo político do fato em questão. Alves aponta, seguindo a mesma lógica de interpretação, que a atualidade é atravessada por uma poderosa batalha midiática e que o conteúdo de enfrentamento com o sistema desses movimentos é atacado simultaneamente pelo aparato repressivo dos Estados – que endurece o controle e sufocamento pela força conforme os movimentos se ampliam e se tornam mais ameaçadores – e pela grande mídia comercial, que cumpre a tarefa de invisibilizá-los em seus eixos políticos principais e reduzidos a fatos fragmentados, episódicos e pouco significativos.

Um mecanismo central no tratamento da grande mídia aos novos movimentos sociais e o contexto em que ocorrem é seu enquadramento permanente e inquestionável no que Zizek chama de “moldura liberal democrática”. Isso quer dizer que até há um espaço para que os produtos midiáticos retratem os excessos poluentes de grandes corporações ao meio ambiente, a corrupção dos representantes do sistema financeiro socorridos com dinheiro público, a piora das condições de vida da população, os casos diversos de superexploração do trabalho e outros. A grande questão é que o ponto de partida (e de chegada) inquestionável e imutável de tudo que se relaciona a esses temas na grande mídia é que qualquer luta contra isso é encarada como protestos contra ‘excessos’ dentro de uma ordem que precisa ser mantida e reconstruída. A moldura do Estado burguês, com todo o seu aparato superestrutural, e das formas de produção que o sustentam permanecem sempre intactos e fora de qualquer campo de retratamento e questionamento pela mídia.

As análises do filósofo Vladimir Safatle acerca do tratamento da mídia hegemônica aos movimentos sociais de 2011 também nos ajudam a compreender de que maneira, como discutíamos anteriormente, elas buscam agendar uma

percepção que nega a esses movimentos qualquer consistência e retira do horizonte as possibilidades de formulação de um projeto sistêmico. Diz Safatle:

“Atualmente, boa parte da imprensa mundial gosta de transformá-los em caricaturas, em sonhadores vazios sem a dimensão concreta dos problemas. Como se esses arautos da ordem tivessem alguma ideia realmente sensata de como sair da crise atual. Na verdade, eles nem sequer sabem quais são os verdadeiros problemas, já que preferem, por exemplo, nos levar a crer que a crise grega não é o resultado da desregulamentação do sistema financeiro e de seus ataques especulativos, mas da corrupção e da ‘gastança’ pública. Nesse sentido, nada mais inteligente do que uma pauta que afirme: ‘Queremos discutir’”. (SAFATLE, V. 2012, p. 49)

É certo que esse tipo de tratamento e agendamento da consciência pela mídia, ao relacionar-se com o capitalismo em crise e as formas de questionamento e resistência e ele, não é uma novidade. Talvez justamente por isso, nas últimas décadas tenha ficado progressivamente mais claro para movimentos sociais em luta ao redor do mundo que, no enfrentamento político à ordem estabelecida, a constituição de instrumentos de comunicação capazes de operar uma contraposição às leituras fragmentárias é fundamental e indispensável, tanto para a legitimação social dessas lutas quanto para a coesão interna, constituição das identidades políticas e elaboração de uma consciência coletiva dos próprios movimentos. No caso dos movimentos que eclodiram em 2011, Facebook e Twitter acabam cumprindo papel importante no estabelecimento de vínculos e na aproximação de indivíduos até então atomizados, o que é essencial na dita ampliação de sua área de atuação.

Ainda no campo das formulações teóricas que nos ajudam a refletir sobre a gama de elementos suscitados pela emergência da Primavera Árabe e Movimento Occupy a partir da problematização de suas mediações socioculturais, estão as análises do geógrafo David Harvey, conhecido crítico do pós-modernismo. A análise de Harvey nos traz elementos fundamentais para seguir na compreensão crítica sobre a gama de elementos suscitados pela emergência desses movimentos em suas mediações socioculturais. O geógrafo, ao discutir justamente essa necessidade de contraposição aos mecanismos utilizados pela burguesia na grande mídia comercial pelos movimentos e analisando sua relação com as novas tecnologias da comunicação, destaca:

“Agora, pela primeira vez, há um movimento explícito que enfrenta o Partido de Wall Street e seu mais puro poder do dinheiro. A “street” de Wall Street está sendo ocupada – ó, o horror dos horrores – por outros! Espalhando-se de cidade em cidade, as táticas do Occupy Wall Street são tomar um espaço público central, um parque ou uma praça, próximo à localização de muitos dos bastiões do poder e, colocando corpos humanos ali, convertê-lo em um espaço político de iguais, um lugar de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance. Essa tática, mais conspicuamente reanimada nas lutas nobres e em curso da Praça Tahrir, no Cairo, alastrou-se por todo o mundo (praça do Sol, em Madrid, praça Syntagma, em Atenas, e agora as escadarias de Saint Paul, em Londres, além da própria Wall Street). Ela mostra **como o poder do coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais**

efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado. A praça Tahrir mostrou ao mundo uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook, que realmente importam". (HARVEY, 2012, p.61, grifo nosso)

Essa afirmação nos parece central porque, diferentemente das que buscam identificar a importância do papel mobilizador das redes sociais como elementos que se encerram em si mesmos, aponta que há uma necessária complementaridade (Harvey vai mais longe, apontando a **centralidade**) com a política das ruas, com a ocupação do espaço público, com a ruptura objetiva na dinâmica de vida das cidades marcadas pelo capitalismo em crise. Acreditamos que esse é um elemento importante, que, de maneira geral, mostra os limites das interpretações que conferem papel redentor às tecnologias e chegam a apostar que as novas técnicas, por si, seriam capazes de superar os impasses subjetivos envolvidos na construção política desses movimentos e, também, os impasses objetivos – as questões estruturais – com as quais tais movimentos se enfrentam. O lugar da política e organização na rua e a ruptura com a cotidianidade da sociabilidade capitalista, assim, são partes fundamentais e decisivas nos processos de luta constituídos pelos movimentos sociais contemporâneos, e a utilização das novas tecnologias de comunicação se soma, mas não substitui isso.

Acreditamos, assim, que o capitalismo contemporâneo, fortemente marcado pelo poderio econômico e ideológico das grandes corporações de comunicação exige e coloca na ordem do dia qualquer tentativa de contestação e enfrentamento a si o debate coerente e profundo sobre o lugar da comunicação e da cultura na constituição da contra-hegemonia à sua lógica



sistêmica. O que buscamos apontar aqui é que a crítica e enfrentamento ao capitalismo contemporâneo, ao incorporar o lugar da comunicação e da cultura, não precisa fazê-lo ignorando as mediações estruturais e aceitando acriticamente a aparência (mercantil) de autonomização do simbólico. Pelo contrário, buscamos incorporar essa crítica como parte constitutiva do projeto totalizante que possa enfrentar essa ordem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985): *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Anderson, P. (1999). *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Coelho, A. (2011). *Tahrir: os dias da revolução no Egito*. Rio de Janeiro: Língua Geral.
- Coutinho, E. G., Freire Filho, J., & Paiva, R. (orgs.) (2008): *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Eagleton, T. (1996). *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Eagleton, T. (1997). *Ideologia*. São Paulo, Boitempo.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- Jameson, F. (2002). *Pós Modernismo Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Editora Ática.
- Jinkings, I. (org) (2012). *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo.
- Lukács, G. (1989) .*Reificação e Consciência de Classe - História e Consciência de Classe*. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Porto, Portugal: Publicações Escorpião.
- Marx, K. (1988). *O Capital*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Marx, K., & Engels, F. (1984). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Moraes.

Safatle, V. (2012). *Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes.

Sodré, M. (2001). *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes.

Wood, E. M. (1996). *O Que É a Agenda "Pós-Moderna?*, in *Crítica Marxista*, 1 (3). São Paulo: Brasiliense.

Zizek, S. (2012). *O ano em que sonhamos perigosamente*. Boitempo.

Zizek, S. (2012). *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Sao Paulo. Boitempo.